



DEPOIMENTO

# JORGE ODILON DOS ANJOS

*Em 2003, servidor aposentado da Câmara dos Deputados. Entre outras atividades na Casa, exerceu os cargos de diretor do Departamento de Pessoal e, por diversas vezes, assumiu a Diretoria-Geral em substituição ao titular.*

## ENTREVISTADORES:

Glória Varela, Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho e Casimiro Pedro da Silva Neto.

## LOCAL:

Brasília

## DATA:

15/9/2003

## DURAÇÃO:

46 minutos

## TÓPICOS:

Episódios vividos dentro da Câmara dos Deputados; a cassação dos comunistas em 1947; o suicídio de Getúlio Vargas; a troca de tiros entre os deputados Nelson Carneiro e Souto Maior; os concursos da Câmara; a transferência da capital para Brasília; as Constituintes de 1946, 1967, 1988; o crescimento da Câmara.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Nesse nosso projeto, inicialmente perguntamos a todos os entrevistados o nome completo, quando entrou para a Câmara dos Deputados, em que circunstância – se foi por concurso, se foi chamado – e quais as funções que exerceu ao longo da vida funcional.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Eu entrei para a Câmara em fevereiro de 1946, no governo Linhares. Fui nomeado e entrei como redator de anais e documentos parlamentares. Os cargos que exerci na Câmara foram: redator de anais e documentos parlamentares; diretor do Departamento de Pessoal e diretor-geral substituto. Fui membro de várias comissões, não lembro os nomes, mas foram muitas. E tenho uma medalha de ouro pelos cinquenta anos de serviço público. Quando completei cinquenta anos de serviço, recebi essa medalha de ouro. Estive em atividade na Câmara de 1946 a 1990. Os diretores-gerais sempre se impuseram junto aos parlamentares e aos servidores. Esse foi o meu resumo inicial.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Vamos voltar um pouco atrás. Quando o senhor começou a trabalhar, a Câmara era no Rio de Janeiro, no Palácio Tiradentes. Que lembranças o senhor tem dessa época em termos de trabalho, dos colegas?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – As lembranças, eu anotei alguma coisa. A primeira lembrança que eu tenho, quando entrei na Câmara: o Dr. Gigliotti era o diretor-geral. Ele me mandou para a Comissão de Constituição de 1946, que era presidida pelo Nereu Ramos. O Nereu Ramos era uma figura que se impunha pela presença. Não sei se era porque eu era novo na época, mas quando ele entrava havia um silêncio na sala, ele se impunha. O contínuo puxava a cadeira, ele sentava: “Está aberta a sessão”. Ele cassava a palavra de qualquer pessoa que saísse do figurino. Sendo líder ou não, ele cassava a palavra. “Vamos passar ao outro assunto”, e ia assim. Mais tarde ele foi presidente da Câmara, mais de um período, e também ele se impunha pela presença. Eu notava que os deputados, quando iam apartear, tinham medo de ele não dar o aparte. “V.Exa. me concede um aparte?” E ficava olhando para ele para ver se concordava. Então, a primeira lembrança que eu tenho, realmente, é da figura de Nereu Ramos como presidente dessa grande Comissão de Constituição e como presidente da Câmara. Foi uma figura que realmente me ficou gravada na memória. Eu não sei se é porque eu era muito moço nessa época, mas até hoje – estou com 83 anos – nunca me esqueci disso.

Outra coisa que em mim ficou gravada foi o plenário da Câmara quando foram cassados os parlamentares comunistas, na época do governo Dutra: o tumulto que

houve no plenário. Realmente foi uma coisa que não se esquece. Eu me lembro desse plenário até hoje, muito diferente desse plenário normal. Eles faziam de tudo. Não permitiam a continuação normal dos trabalhos.

Um outro fato também que gravei foi o suicídio de Getúlio. Este foi um dia tenso na Câmara: o suicídio de Getúlio. Não havia facilidade... Todo mundo daqui para lá, de lá para cá... Era uma coisa séria. Foi um dia muito sério.

Esses são os fatos, ao longo desses 83 anos, que eu gravei. Eu, como funcionário, chegava, assinava o ponto e ia trabalhar. Isso não interessa.

Houve um esforço geral com intensas negociações que resultaram no João Goulart no Planalto. Também foi um período difícil na Câmara. Os militares – aquela coisa toda – e o esforço geral para se encontrar uma solução. Havia dúvida se João Goulart vinha ou não vinha. E a solução foi o parlamentarismo. Um parlamentarismo que durou pouco, mas foi um esforço geral que se fez para que o Brasil continuasse sem maiores atropelos.

Um outro fato muito sério: o tiro de Nelson Carneiro em Souto Maior, aqui no Banco do Brasil. Eu fui secretário nessa comissão. Entre as comissões em que estive, uma delas foi essa. Foi uma coisa séria: o tiro de Nelson Carneiro em Souto Maior.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Era comissão de inquérito?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Foi uma comissão de inquérito. Era o Mata Machado, Aroldo Carvalho, que era o terceiro-secretário, e Accyoli Filho, do Paraná. Eram os três membros da comissão e um funcionário, secretário, que era eu. Foi um trabalho intenso. Fizemos isso rapidamente. Fizemos esse trabalho em poucos dias. E realmente foi uma coisa séria esse período.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – E qual foi o resultado?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Foi entregue à Justiça. Se não me falha a memória, quando o trabalho terminou, o Aroldo Carvalho, que era terceiro-secretário e presidente da comissão, encarregou-me de levar o assunto ao desembargador presidente do Tribunal de Justiça. E depois o assunto foi para o Supremo Tribunal. Não sei... é isso que me lembro.

Outra coisa que eu me lembro sempre é da figura do Carlos Lacerda, sempre com resposta imediata para qualquer aparte. Era impressionante! Levava muitas vezes o interlocutor ao ridículo. Era impressionante! Houve um período em que

queriam cassar Carlos Lacerda. Ele entrava no plenário, via o que pretendiam fazer e imediatamente pedia a palavra e falava. E falava com uma facilidade! Era uma coisa espantosa.

Lembro também de Otávio Mangabeira, mas isso logo no início, em 1946, nos primeiros anos. Ele era ouvido em silêncio. Era uma figura ouvida em silêncio.

Antônio Brezolin falava todo dia. Todo santo dia ele falava. Era o pavor da Taquigrafia. Todo santo dia ele falava, falava, falava, era uma coisa louca.

Monsenhor Arruda Câmara. Na luta, qualquer coisa de divórcio ele era contra. E lutava pelo IPC. Era uma figura... Assuntos de divórcio, ele: “pá!”. Ele pedia a palavra e falava contra. E a luta que ele teve pelo IPC. Ele fundou o IPC. Infelizmente, o IPC acabou. Não entendo o porquê, mas acabou. Dizem que em outros lugares há institutos de previdência parlamentares. E aqui acabou.

Bem, agora vou contar uns fatos. Havia no Rio – acho que Nereu Ramos ainda era presidente da Câmara. Não foi na Comissão de Constituição, foi na presidência – um colega nosso – que Deus o tenha em sua glória – contador de vantagens. Era uma coisa louca. Ele trabalhava na Mesa, e um dia chegou um bispo, do Rio Grande do Sul, que queria falar com Nereu Ramos.

O Nereu Ramos estava ocupado. O bispo ficou conversando com esse servidor enquanto esperava Nereu Ramos. E aí o nosso colega disse: “Estive em Roma e almocei com o papa.” Daí Nereu Ramos abriu a porta, porque já podia recebê-lo, olhou-o e o sacerdote disse: “Presidente, o meu abraço. Esse servidor aqui deve ser excepcional, almoçou com o papa, e o papa só come sozinho. “Ele deve ter aberto uma exceção para ele”. O papa, àquela época, só comia sozinho. “Ele só come sozinho. Deve ter aberto uma exceção para ele! O senhor tem aqui um funcionário excepcional. Cuidado com esse funcionário!” O que houve depois com esse servidor e Nereu Ramos, eu não sei. Sei que o servidor deixou de contar vantagens. Dessa eu nunca me esqueci. Eu estava na mesa quando aconteceu esse fato. “Almocei com o papa” – todo mundo ficou assim! “Estive em Roma e almocei com o papa.” “Almoçou com o papa?” “Almocei!”

Nós tínhamos um funcionário aqui. Na morte de um colega nosso, começou-se a falar de cemitério. Era o falecimento de um colega nosso. “Se seria enterrado aqui, se no Rio, em outro lugar, não sei, Belo Horizonte...” Ele, ouvindo aquilo, disse [voz carrancuda]: “Não tenho preferência por cemitérios. Qualquer um serve. Vamos encerrar essa conversa!”

Ainda no Rio. Logo no início, no Rio de Janeiro, eu era redator. Foi o meu primeiro cargo aqui. O redator-chefe era o velho Moraes, cabeça branca. Bom, naquele tempo eu não tinha cabeça branca. Eu era moço. Ele era calmo. Chegou um deputado exaltado e disse: “Quem foi o incompetente que fez a revisão em meu discurso? Está cheio de erros aqui. Vou reclamar ao primeiro-secretário e exigir uma punição.” E o chefe calmamente ouvindo aquilo perguntou: “Qual foi o discurso? Quando o senhor fez o discurso?” Ele deixou para a publicação nos anais. E eu disse: “Chefe, o senhor ouviu essa coisa toda, não reage – o Moraes era inclusive jornalista – o senhor, uma pessoa despachada ouviu tudo isso calado. E ele disse: “Olha, se fosse um mineiro chegando aqui e falando ao pé do ouvido, eu me apavorava, mas desse não tenho medo. Não vai acontecer nada.” E não aconteceu nada.

Poderia citar outros fatos. José Bonifácio, quando primeiro-secretário, tomava conhecimento de tudo, sabia tudo e conhecia todo mundo pelo nome. Era impressionante como primeiro-secretário. Tudo! Ele se metia em tudo! Conhecia todos e chamava pelo nome. “Jorge, vem cá.” Meu Deus do Céu! Era assim. Flávio Marcílio também. Sabia tudo e falava com todos. Flávio Marcílio era delicadíssimo. E dentro daquela coisa toda, todo mundo dizia “Ih, Flávio Marcílio é...”

Quando eu tive um enfarte, foi o único que me telefonou. Estava na Clínica Sorocaba no Rio de Janeiro e ele me telefonou. Flávio Marcílio está querendo falar comigo? Pulei da cama. O que será? “Oi, Jorge, eu queria saber como você está, tal.”

Flávio Marcílio tem fatos gozadíssimos. Uma vez, eu estava substituindo o diretor-geral, porque o Luciano havia viajado. Flávio Marcílio ia fazer uma viagem e tinha perdido a carteira parlamentar. Aí me telefonou de manhã cedo – porque ele chegava aqui cedíssimo, às sete e pouco –, e disse: “Quem é que está no lugar do...? Ah, é você? Faz a minha carteira parlamentar. Eu quero agora.” “Está bem, presidente.” Eu mesmo fiz a carteira, saí correndo. E descí até o gabinete da Presidência para entregá-la. E quando acabei de entregar a carteira eu lhe disse: “Presidente, a carteira está aqui e eu queria que o senhor rubricasse aqui.” “Rubricar o quê?” “Que o senhor a recebeu.” “Não! Sou presidente Câmara! Não rubrico coisa nenhuma. Faça o que quiser aí!” Daí eu escrevi “entregue pessoalmente ao presidente” e ficou por isso mesmo. “Ah, o que é isso! Está desconfiando de mim? Sou o presidente da Câmara.” Ele era muito engraçado e eu gostava imensamente dele.

Outro deputado que também merece... A passagem do Flores da Cunha para Ulysses Guimarães na presidência da Câmara. Naquele movimento todo, Flores da Cunha assumiu a presidência. Era vice-presidente e assumiu. Flores da Cunha

também era uma figura diferente, não é? Bem, então, ele fez um discurso dizendo que estava saindo a velhice e entrando a juventude. Ulysses Guimarães, àquela época, era mocíssimo.

Bem, esses são os fatos que – estou fora da Câmara há treze anos – me marcaram. Não me esqueci. Não vou dizer o que fiz como funcionário. Se assinava ponto, se não assinava, isso não interessa. São os fatos.

Se vocês fizerem outras perguntas, talvez eu possa me lembrar de mais algum fato.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Dr. Jorge, o senhor mencionou presidentes da Câmara que chamaram a sua atenção e o senhor tem essa lembrança deles até hoje. Algum funcionário chamou sua atenção?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Nayde Figueiredo. Foi uma funcionária excepcional. Foi diretora da Taquigrafia e encarregada dos concursos. Era uma funcionária excepcional. Concurso presidido pela Nayde era uma tranqüilidade. Não havia carta marcada. É uma funcionária que merece menção.

Bom, todos os diretores – seria uma injustiça eu citar um e não citar outro – todos, sem exceção, no período em que eu aqui estive. Começou com o Dr. Gigliotti, depois o Dr. Lazari, diretor-substituto, que também chegou a ser diretor, depois o Dr. Luciano, o Aquino, o Alteredo, o Sabino – todos, sem exceção. A Câmara sempre teve sorte, sempre contou com bons diretores em todo esse período (hoje estou fora), rigorosamente honestos.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – O senhor podia fazer uma comparação entre o período em que trabalhou no Rio de Janeiro e o de Brasília.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Bem, o período em que trabalhei no Rio de Janeiro foi muito agitado: o governo Dutra estava cassando os comunistas, houve o suicídio de Getúlio. Ou seja, foi um período bem agitado. Depois houve a mudança da capital, do Rio de Janeiro para Brasília. Não se acreditava. Ninguém achava que isso aconteceria. E aconteceu!

Aqui em Brasília, na fase inicial, os deputados ficaram muito preocupados com as acomodações. Não havia essa preocupação no Rio de Janeiro. Lá todos moravam em hotel, mas aqui começou a preocupação com apartamentos, com isso e aquilo. Era um ponto diferente. Queriam saber de apartamento e se queixavam. Era uma diferença que se acentuava. Depois o problema foi solucionado, mas a fase ini-

cial preocupou muito o parlamentar. Depois o parlamentar foi-se entrosando, e a Câmara entrou na vida normal, que continua até hoje.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Mas em termos de trabalho, não havia grandes diferenças entre o Rio de Janeiro e Brasília logo no início?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – O que eu senti é que aqui o deputado conta, para ajudá-lo, com um grupo muito maior do que no Rio de Janeiro. Não me esqueço do Rio de Janeiro. Eu chegava cedo, subia à biblioteca e lá encontrava o deputado Pedro Aleixo chamando o Dr. Lazari e pedindo livros para redigir seus pareceres, que ele mesmo redigia. Lembro-me perfeitamente disso. O Pedro Aleixo fazendo isso. Não havia assessor. Ele mesmo fazia isso! A grande maioria não tinha assessor nenhum. Eles faziam o discurso. Depois o assunto foi-se modificando; com o tempo foi-se alterando; hoje o sistema é outro.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Quando estava se aproximando de 1960, e ninguém acreditava que viria para Brasília...

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Ninguém.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – ... a Câmara começou a se preparar para vir. Parece-me que alguns funcionários começaram a sofrer com a vinda.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Muitos.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Conte um pouco sobre a vinda, o que aconteceu um pouco antes.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – O deputado Neiva Moreira foi o encarregado desse período. Ele não tinha tempo para receber a todos os que queriam falar com ele. Todos tinham problemas. Todos tinham problemas. Filho doente, filho que não podia sair, família, tudo isso. Alguns, querendo ficar de qualquer maneira, se articulavam. A grande maioria tinha de vir mesmo e veio. Mas havia resistência. Ninguém veio de muito boa vontade. Poucos vieram de boa vontade. Todos resistiram. Alguns conseguiram resistir e ficaram, mas foram poucos. A grande parte veio para cá.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – O senhor resistiu muito?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Eu tinha um filho com problema, mas vim. Eu vim. Eu resisti um pouco, mas vim logo no início. Se não me falha a memória, a mudança foi em abril. Eu vim um mês depois, algo assim.

Chamaram-me. O deputado Neiva Moreira disse: “Encerrando a conversa, aqui está a chave do seu apartamento. Você tem trinta dias para fazer a mudança. Procure a Fink ou outra empresa. Não se preocupe com isso. Não precisa aparecer, se não quiser. A partir de trinta dias, começamos a marcar faltas.” Aí... eu vim “voluntário”, não é? Então... eu pensei: “Está bem. Não tem jeito. Se vão começar a marcar falta...” Não ia perder um emprego público federal efetivo por um capricho! Eu era advogado. Deixei minha advocacia e fui embora. Eu tinha conhecimentos na advocacia do Rio de Janeiro. Aqui eu não montei... Não me acertei direito aqui. Inclusive, tinha uns colegas no Rio de Janeiro e eu pensei que fosse ter a possibilidade de fazer alguma coisa aqui no Supremo Tribunal ou no Tribunal Federal de Recursos na época. Naquele tempo, o preparo era feito aqui. Hoje o preparo é feito na origem. Você vê o recurso extraordinário, número tal e tal... Eu via. Ih! Eles nem me pagavam. Não vou trabalhar por... Deixei de advogar. Deixei de advogar desde essa época.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Depois, em Brasília, quando a Câmara realmente se adaptou à nova cidade, à nova vida, acontece a revolução de 64. Como foi esse momento na Câmara?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Esse momento foi difícil. O diretor-geral era o Dr. Luciano. Se ele vier aqui, poderá dizer muita coisa a esse respeito. Foi um momento difícil também.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – A questão dos salários serem rebaixados...

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Não. Os extraordinários eram controlados. Só eram pagos nos casos necessários. Não havia flexibilidade para isso. Compreendia-se que não era possível mesmo. Tudo era mais apertado. Felizmente, só houve inquéritos administrativos contra certos funcionários contra os quais os militares tinham restrição. Inclusive, participei de algumas comissões de inquérito. Participei de um inquérito desses contra um funcionário que não era simpático aos militares. Eu achei que não havia motivo nenhum para puni-lo. Livremente, expus o meu ponto de vista. Eu era relator do processo.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Quais eram os motivos dessas comissões?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Os outros motivos eram disciplinares de rotina, sem maior importância.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – O senhor fez menção ao jovem deputado Ulysses Guimarães. Depois o senhor chegou a trabalhar com ele na época da Constituinte.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Sim. Aqui. Já em 1988.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – O senhor poderia fazer uma comparação entre o jovem Ulysses e o da época da Constituinte?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Ele presidiu a Câmara quando ainda muito moço. Quando veio presidir a Constituinte de 1988, ele havia evoluído muito, inclusive em conhecimentos, na maneira de lidar com os fatos. Houve uma evolução para melhor do período inicial, quando presidiu a Câmara, muito jovem, ao período de 1988, quando presidiu a Constituinte. Ele evoluiu. Ele adquiriu experiência, conhecimento. Enfim, evoluiu.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Como era a convivência entre os funcionários no Rio de Janeiro e depois aqui em Brasília, já com a Câmara consolidada? Mudou alguma coisa?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Entre funcionários, houve fatos engraçados. No início de Brasília, a cerveja era procurada por muita gente. Certos colegas exageravam um pouco. Saíamos pela manhã e quando voltávamos, à tarde, encontrávamos buracos pelo caminho, pois a cidade estava em construção. Um colega nosso caiu num buraco e só foi retirado no outro dia pela manhã. O sujeito não apareceu em casa e depois apareceram uns candangos perguntando: quem é esse homem aqui? Era ele, que tinha exagerado talvez um pouco. Talvez, não! Tinha exagerado!

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Ele ficou muito sem graça? Todo mundo deve ter ficado sabendo disso.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Todo mundo soube. Isso foi logo no início da mudança da capital. Esse fato ficou conhecido. Ele morava na quadra 108.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Que função exercia?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Ele era auxiliar legislativo.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – A que o senhor atribui esse exagero na procura da cerveja? À solidão?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – No Rio de Janeiro tinha praia e outras diversões. Aqui não tinha nada disso. Então, a pessoa encontrava na cerveja uma maneira de se distrair um pouco.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – O senhor chegou a participar ativa ou diretamente de alguma legislação específica?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Não. Inicialmente, eu era redator encarregado do Serviço de Revisão e não participava disso. Quem participava mais disso eram os oficiais legislativos ou os taquígrafos, que tinham muito contato com os deputados. Na taquigrafia, eles liam e diziam: “Aqui! Era isso mesmo que o senhor queria dizer?” Esses participavam. Sobretudo os oficiais legislativos. Eu era redator. Depois eu fui para o Pessoal, onde exerci outra função completamente diferente. Não participei, não. Como diretor-geral substituto também não tive nenhuma interferência nisso.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Há alguma lei que o senhor tenha corrigido ou revisado. Alguma lei, como a do divórcio, que marcou a sua época?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Revisão eu fazia constantemente.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Não houve nenhuma que marcou?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Não me lembro. Eu conversava com o redator-chefe e às vezes ia ao plenário mostrar ao deputado isso ou aquilo, mas meu trabalho não ia além disso.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Dr. Jorge, sua vida acabou girando em torno do Poder Legislativo. O senhor completou cinquenta anos de trabalho aqui na Casa. O senhor participou de pelo menos três Constituintes, de 1946, 1967 e 1988. Como o senhor vê o Poder Legislativo?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – A Constituinte que me impressionou foi a de 1946 – talvez por ter entrado para a Câmara nessa época. Realmente foi uma Constituinte que em mim ficou muito gravada, com aqueles movimentos todos, tudo

aquilo. A de 1988, um pouco. Mas a de 1946 foi a Constituinte que me marcou mais. As lembranças mais fortes que eu tenho são as da Constituinte de 1946.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Que comparação o senhor faz entre uma e outra? Os parlamentares eram diferentes? Os temas eram muito diferentes? O que era diferente?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Bem, a de 1946 contou com a bancada comunista, com Luís Carlos Prestes. Enfim, as discussões eram fortes. Compreendeu? Foi a Constituinte que me marcou mais.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Dr. Jorge, o senhor, como revisor, deve lembrar que, naquela época, numa entrevista, foi perguntado capciosamente ao Prestes de que lado ele ficaria, no caso de uma guerra entre o Brasil e a Rússia...

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Eu me lembro. Exato.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Ele explicou isso, mas o jornalista captou outra idéia e a passou adiante. Veio daí a cassação do Partido Comunista, em 1948.

O senhor sentiu isso? O senhor, como revisor, deve ter... Naquela época eu não sei qual era o cargo do senhor.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Eu era redator.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Redator.

Como o senhor sentiu isso, na época? Houve muita polêmica, realmente, não?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – A cassação do Partido Comunista foi uma... – eu até já conversei com o nosso colega sobre isso – foi um movimento... O Plenário, naquela época, ficou tumultuado, muito tumultuado. E o Luís Carlos Prestes teve a imprensa em geral contra si. Também na Câmara dos Deputados abordavam esse assunto a três por quatro.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Outro fato que também marcou foi a Constituinte incluir pela primeira vez na nossa Constituição que o parlamentar estava sujeito à cassação pela falta de decoro – parlamentar. O caso do Edmundo Barreto Pinto foi esse.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Foi, foi, o da cueca.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Isso. E ele disse que de acordo com os seus depoimentos as colunas do Tiradentes iriam tremer.

Como o senhor, na condição de funcionário, via isso, essa loucura?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – O deputado Barreto Pinto não foi levado a sério, de uma maneira geral. Ele não era muito... Sempre era tida em tom de pilhéria qualquer coisa em relação a ele. Falava todos os dias!

**O SR. ENTREVISTADOR** (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Parece-me que ele também foi causador do pedido de cassação do Partido Comunista. Houve um requerimento de cassação de autoria dele.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Disso eu não me lembro.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Partiu dessa fase dele também. Ele era do PTB.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Era.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Dr. Jorge, volto à pergunta que eu fiz: a vida do senhor acabou girando em torno do Poder Legislativo, não é?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Foi.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Como o senhor vê o Poder Legislativo? Por exemplo, o senhor participou de uma Câmara pequena, no Rio de Janeiro, e, quando se aposentou, aqui em Brasília, a Câmara já era bem maior...

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Bem maior.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Em número de parlamentares, em área construída...

Como o senhor viu essa evolução do Poder Legislativo?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Eu acho que foi uma evolução normal do país. Eu acho que isso decorreu da evolução normal do país.

A Câmara de 1946 era pequena, mas de grande valor. Os deputados da Comissão de Finanças e os da Comissão de Justiça eram bem atuantes. A Câmara era pequena, mas sabia se valorizar. E era respeitada. Era procurada e respeitada.

Hoje também, mas é diferente: a Câmara cresceu devido à evolução do país. O Brasil naquela época tinha uma população e hoje tem outra. Há necessidade de maior número de representantes.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Mas o senhor acha que, em número, essa evolução acabou diluindo? Porque o senhor disse que era uma Câmara pequena mas que se fazia respeitar. O senhor acha que com essa evolução, uma Câmara mais ampla, parlamentares de diferentes formações, o senhor considera que isso diluiu um pouco o poder da Câmara?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Não, acho que não. Eles manifestam determinado ponto de vista e não acho que isso tem contribuído para diminuir não.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Carlos Henrique de Oliveira Porto Filho) – Vou tentar fazer essa pergunta de outra forma. Naquela época, em 1946, o país havia passado por um momento difícil, com o fechamento da própria Câmara, a Segunda Guerra Mundial. Fatos ocorreram, e desembocaram na elaboração da Constituição de 1946. Em 1988, também foi mais ou menos depois de um período forte. Naquele período, a Câmara algumas vezes foi fechada. A situação foi mais ou menos a mesma. A pergunta é a seguinte: de que modo a sociedade recebeu essas constituições? Como era a repercussão, na sociedade, do que a Câmara estava fazendo?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – A sociedade recebe sempre muito bem a Constituição, porque se trata da Lei Maior. Ela é muito bem recebida. Mas ela atende as circunstâncias da época. Em 1946, tínhamos saído da Segunda Guerra Mundial. Em 1988, o aspecto era outro. Mas uma Constituição é sempre muito bem recebida e sempre tem o lado altamente positivo, porque sempre procura ver aquilo que de mais importante deve ser feito.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Casimiro Pedro da Silva Neto) – Durante o fechamento da Câmara, em 1968, de 13 de dezembro de 1968 até novembro de 1969, de que forma o senhor via isso na condição de funcionário? Qual era o pensamento dos servidores na época? Qual a ansiedade que isso gerava nos servidores?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Eles desejavam que a Câmara voltasse a funcionar. Ao menos no grupo em que... Todos desejavam que voltasse a funcionar. O funcionamento do Parlamento sempre interessa ao país de maneira geral. Fechado, perde a voz.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Tem alguma coisa que nós não perguntamos que o senhor considera importante falar ou discutir?

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Não, o assunto foi muito bem conduzido.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Glória Varela) – Então, agradecemos a sua participação em nosso projeto.

**O SR. JORGE ODILON DOS ANJOS** – Eu é que agradeço muito.